

O Judeu: George Gomes, Cultura e Identidade na sua história e vida (1986-1991).

Ítalo Felippi de Farias Silva
Luiz Herinque de Melo Barbosa*

Este artigo tem como objetivo dar continuidade ao trabalho biográfico sobre o Sr. George Gomes de Araújo, para perceber as suas múltiplas identidades culturais na sua história de vida. No entanto, construir uma biografia sobre alguém, é ir além da escrita pela escrita; ou simplesmente descrever a respeito do mesmo. Biografar é também interpretar as várias relações subjetivas e culturais dos indivíduos, e também perceber as múltiplas facetas e máscaras sociais dos mesmos.

No nosso caso, o objeto de análise é submetido aos rigores dos saberes acadêmicos, quer sejam da antropologia, da sociologia e principalmente no que se refere ao campo da História, que nos possibilita a perceber George, não apenas como um sujeito humano, social, cultural ou político, porém percebê-lo como foi construído historicamente, e, que há toda uma relação de saber e de poder que permeia a sua trajetória de vida, nos possibilitando ver as implicações sócio-culturais. Para isto nos apropriamos dos métodos *arqueológico e genealógico*, os quais nos possibilitam fazer “escavações” de sua trajetória de vida, através da consulta de várias fontes, tais como: registro de nascimento, batistério, depoimentos orais, iconografia, vídeo, além da consulta de biografias existentes a respeito de outros sujeitos, tais como, podemos exemplificar: Branca Dias do Engenho Apipucos em Pernambuco, a que foi queimada na fogueira da Inquisição, Izaque de Castro, o mancebo que foi preso e também queimado em Lisboa, paraibano assim como outro judeu paraibano de nome Antonio Jos, Giordano Bruno, assim como de pessoas que não obrigatoriamente foram ou são judias ou judaizantes.

George Gomes de Araújo, oriundo do cariri paraibano, passou sua primeira infância, em Boa Vista, distrito de Campina Grande, até o ano de 1978, caracterizada por brincadeiras remanescentes dos seus ancestrais, que por sua vez reproduzia o modo de vida do homem do campo, através das construções de maquetes de fazendas de criar gado. Foi com a sua família morar em Campina Grande em fins de 1978, quando a partir de então continuou seus estudos primários no Grupo Escolar Nossa Senhora do

* Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, graduandos do curso de Licenciatura Plena em História.

Rosário, no bairro da Prata. Anteriormente tinha estudado seus dois primeiros anos no Grupo Escolar Paulo VI em Boa Vista.

Aos catorze anos passou a se interessar pelos estudos da cultura judaica, e juntamente com alguns primos seus passaram a se reunir em domicílios de seus próprios familiares, a fazer “snogas”, praticar a “cabala” e observar o “shabat”, abstinência da carne e a ostentação da barba.

Tendo sido criado na cultura católica, a figura de Cristo passou a ser redefinida, sendo vista a partir de então como um judeu ortodoxo, e a idéia de que o mesmo teria sido o messias foi colocada em xeque. Então, a partir daí, George teve seus referenciais cristão católico (re) significados, quando passou a se identificar enquanto um judeu marrano, justificado pela existência de uma ancestralidade de cristão novo na sua genealogia.

Para compreendermos como George se construiu enquanto um ser judeu é necessário fazermos uma historicidade de si, assim como analisar as múltiplas implicações sociais, políticas e culturais do mesmo. Logo, toda produção é historicamente localizável. Então, de quais lugares sociais, políticos e culturais, George se construiu enquanto judeu?

O mesmo vem de uma linhagem familiar bastante tradicional da Paraíba, ou seja, vem da pioneira família que colonizou os sertões da Capitania Real da Paraíba (os Oliveira Ledo, tanto pela parte materna quanto pela paterna). Nasceu no lugar no qual a cultura familiar é bastante acentuada, identitária e emblemática, que por sua vez valorizam-se bastante as relações de endogâmias, e afetividades matriarcais e patriarcais. Vem de uma tradição muito forte do culto à genealogia e ao parentesco.

Nestes últimos anos tem surgido interesse na questão marrana, de certo modo que descendentes dos marranos andam buscando informações históricas sobre o seu passado muitas pessoas têm demonstrado interesse em aprender sobre a vida e práticas judaica, e alguns chegam a buscar autoridades rabínicas, visando oficialmente retornar à fé dos seus ancestrais.

George vai buscar o seu referencial de origem judaica através do método indiciário quando tentou localizar a presença de cristãos novos na sua genealogia, buscando os dados em registros paróquias e cartoriais, para a confecção de sua árvore genealógica. Em seguida ele procurou detectar indícios de cristãos novos na sua ancestralidade. Bastasse que um de seus ancestrais, principalmente a mãe tivesse uma linhagem de cristã-nova, logo Ana Lins é a sua ancestral que ele toma como referencial

para justificar a sua origem judaica, até porque ela foi criada por Branca Dias num engenho de Apipucos em Pernambuco e aos 38 anos foi denunciada ao Tribunal do Santo Ofício. Ana Lins mulher de Bartolomeu Ledo, que por sua vez compareceu ao mesmo Tribunal, denunciado por ter negado tijolos para uma capela em Olinda, e, ter duvidado que São Francisco estivesse no Paraíso. Bartolomeu Ledo na genealogia colonial é tido como sendo o patriarca dos Oliveira Ledo, ou seja, era o avô do patriarca Teodósio de Oliveira Ledo que fincou os primeiros mourões e levantou currais de gado para a fundação de Campina Grande, porém, Bartolomeu Ledo aparece nas Denúncias e Confissões de Pernambuco como sendo cristão-novo.

Com isso George Gomes, tentou fazer o retorno ao judaísmo, fundamentado na idéia de que,

a expulsão dos judeus das terras espanholas, acompanhada de conversões forçadas sob o policiamento implacável da Inquisição, deixou marcas teológicas, sociológicas e psicológicas profundas nesses israelitas (CORDEIRO, 1994, P. 11).

E que,

Uma parte dos expulsos teve sucesso em seu exílio para a França, Itália, Grécia, Turquia, Holanda e Marrocos, entre outras terras. Ai não encontrou grande dificuldade em se adaptar e seguir a pratica do judaísmo (ibidem, idem).

No entanto,

O mesmo não ocorreu com aqueles que permaneceram na Espanha. Ou foram destruídos pela maquina inquisitorial, ou aderiram ao catolicismo imposto e, com o passar das gerações, se assimilaram à religião dominante. (ibidem, idem)

Ainda para Cordeiro,

No caso dos judeus que já viviam em Portugal, ou ai chegaram das cidades espanholas (e foram à maioria dos que conseguiram sair da

Espanha), desenvolveram eles o marranismo, ou seja, um judaísmo de vagas lembranças e praticas precárias e escondidas. O marranismo foi a resposta dos sefarditas fiéis à religião judaica, diante da permanente ameaça a Inquisição e da religião cristão dominante (ibidem, idem).

Nisto, percebemos que a identidade judaica subjetivada por George, passou a ser legitimada pela pratica discursiva do marranismo. Ele vai buscar seu referencial para se construir enquanto judeu, um passado genealógico de cristão-novo, tentando fazer uma arqueologia dos costumes concernentes à cultura judaica, remontando ao período colonial, logo o mesmo faz toda uma pesquisa genealógica de sua família, e conseguiu chegar a quinze gerações dos seus ancestrais, e detectou registros de indícios de cristãos-novos nas ramificações genealógicas. Isso se tornou um dispositivo enunciador de uma identidade judaica até por que para os estudos da cultura judaica, todo cristão novo é um judeu.

No judaísmo, o marranismo adquiriu importância pelo seu desenvolvimento ao longo da história judaica, e passa pelo século XX, não perdendo suas forças após 500 anos e existência. Logo,

O nome marrano, já foi assimilado na língua de Camões e Machão e Assis. O termo foi empregado a partir do século XV pelos cristãos ibéricos aos judeus que habitavam aqueles países. Com o decorrer do tempo, o termo integrou-se ao vocabulário judaico, designando especificamente os descendentes os judeus vitimados pelo Tribunal da Inquisição, implantado pelos reis e clero católicos da Espanha e Portugal no brotar da Idade Moderna (CORDEIRO, 1994, p.18).

Implantou-se na Península Ibérica o Tribunal da Inquisição e centenas de israelitas ibéricos são vitimados, e, suas opções eram fugir, aceitar a conversão imposta. Os marranos provem dessa conversão forçada. Boa parte dos conversos permaneceu nesses países porque não conseguiu cruzar as fronteiras, acharam mais sensato se mudar a uma conversão. Como o navegador da frota de Cabral ao Brasil, Gaspar da Gama e o escritor Ambrósio Fernandes Brandão, muitos deram uma boa de camaleão outros nem tanto. Esses judeus camaleões tornaram-se cristão-novos.

Portanto, George Gomes, se construiu enquanto ser judeu e se identificou como tal, a partir de várias nuances políticas, sociais e culturais, permeadas por relações de saber e de poder, ser judeu marrano foi mais uma de suas múltiplas facetas e identitária na sua trajetória histórica de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil, Brasília: UNB, 1986.

ALMEIDA, Antônio Pereira de. Os Oliveira Ledo e a Genealogia de Santa Rosa. João Pessoa – PB: Gráfica Universal, 1978. (Vols. 1 e 2).

_____, Velhos Troncos de Cabaceiras e o Povoamento do Vale do Taperoá, João Pessoa – PB: Gráfica Universal, 1978.

BENTES, Abraham Ramiro. Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia. Formação da Primeira Comunidade Israelita Brasileira. Ed. Bloch. Rio de Janeiro, 1987.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História, Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

CORDEIRO, Hélio Daniel. Os Marranos e a Diáspora Sefaradita. Estudo Introdutório sobre a identidade étnica criptojudáica, Editora Israel, 1994.

LIPNER, Elias. Os Judaizantes nas Capitanias de Cima. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1969.

RIBEMBOIM, José Alexandre. Senhores de Engenho: judeus em Pernambuco colonial (1542- 1654). Comunicação e editora. Recife - PE, 1995.

WIZNITZER, Arnold. Os Judeus no Brasil Colonial. Liv. Pioneira. Ed. & Edusp, São Paulo.